

**Dossiê****Religião e aportes históricos: fundamentalismos, (in) tolerância e propostas de diálogo**

doi: 10.20426/P.2178-8162.2016v7n15p341

O FENÔMENO RELIGIOSO GREGO: UMA REFLEXÃO SOBRE O PENSAMENTO MÍTICO DOS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS

*José Tadeu Batista de Souza***Claudia Maria de Assis Rocha Lima***

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre os primórdios da Filosofia, que perpassa pela tradição mitológica grega, pela ordenação do cosmos, pelos deuses do Olimpo, pela ordem humana, pelos primeiros Sábios em busca do Ser e do Saber, tendo como objetivo a historicização deste processo primordial que funda a Filosofia ocidental. Esta reflexão pretende revisitar esta temática na observância de que os deuses estão no mundo grego e dele fazem parte, ao mesmo tempo em que o universo, diferenciando-se e ordenando-se, assume sua forma definitiva de cosmos organizado, como também, a diversificada racionalização dos filósofos, a partir de um novo conhecimento que indaga, não só sobre a origem das coisas, mas também acerca do que as coisas são.

Palavras-chave: cosmos, mito, logos, mitologia grega, Ciências da Religião.

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the beginnings of philosophy, which runs through by the Greek mythological tradition, the ordering of the cosmos, the gods of Olympus, the human order, the first Sages in search of Being and Knowing, aiming to historicizing this primary process that founded western philosophy. This reflection intends to revisit this theme in the

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Professor Adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco e do PPG-CR em Ciências da Religião. E-mail: tadeu@unicap.br.

** Doutoranda em Ciências da Religião na UNICAP, possui graduação em Comunicação Social, Mestrados em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco e Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: claudiarochalima@yahoo.com.br.



observance that the gods are in the Greek world and are part of it, at the same time that the universe, differentiating and ordering itself, assumes its final form of organized cosmos, as well as the diverse rationalization of philosophers, from a new knowledge that asks not only about the origin of things, but also about what things are.

Keywords: cosmos, myth, logos, Greek Mythology, Religion Sciences.

INTRODUÇÃO

Conceitualmente, a Filosofia da Religião é uma das disciplinas que se constitui numa das divisões da Filosofia, tem por objetivo o estudo da dimensão espiritual do homem desde uma perspectiva filosófica (metafísica, antropológica e ética), indagando e pesquisando sobre a essência do fenômeno religioso. O objeto da Filosofia da Religião pode-se dizer, ser o 'infinito', então, a Filosofia da Religião procura investigar o infinito e estabelecer suas relações com o 'finito'. A religião diferentemente, procura crer no infinito. Portanto, a prática religiosa é diferente da prática investigativa da Filosofia da Religião. A fé religiosa caracteriza-se por certezas e não por provas. A linguagem religiosa trabalha com símbolos, e símbolos não se diluem num sistema filosófico argumentativo. Pode-se salientar que, não apenas a faculdade religiosa ou a fé, mas também a razão, também tem o infinito como seu objeto, entretanto, a filosofia pretende investigá-lo, enquanto a religião quer crer nele. Assim, há uma diferença entre 'crer' e 'investigar' (MENEZES, s/d, p. 1 - 2).

Nesse contexto, nos seus primórdios, a Filosofia, não era como a conhecemos hoje, ou seja, como uma ciência que estuda as inquietações humanas e visa explicá-las de maneira racional, quando surgiu na Grécia antiga, no século VI a.C., basicamente, tudo era explicado e tinha suas origens na mitologia¹. Assim, pode-se dizer que o começo de um saber de tipo racional nasce na Grécia com Tales,

1 O termo mitologia pode referir-se tanto ao estudo de mitos, ou a um conjunto de mitos. Os mitos são, geralmente, histórias baseadas em tradições e lendas feitas para explicar o universo, a criação do mundo, fenômenos naturais e qualquer outra coisa a que explicações simples não são atribuíveis. Mas nem todos os mitos têm esse propósito explicativo. Em comum, a maioria dos mitos envolve uma força sobrenatural ou uma divindade, mas alguns são apenas lendas passadas oralmente de geração em geração.



Anaximandro, Anaxímenes, segundo Vernant (2000, p. 81), ao inaugurarem um novo modo de reflexão concernente à natureza quando tomam por objeto de uma investigação sistemática de uma 'história', da qual apresentam um quadro de conjunto, uma 'theoria': tal como da origem do mundo, de sua composição, de sua ordem, dos fenômenos meteorológicos, propondo explicações livres de toda a imaginária dramática das teogonias e cosmologias antigas.

Mas é no plano político que a 'razão' primeiro se exprimiu na Grécia, constituindo-se e formando-se. A experiência social torna-se entre os gregos o objeto de uma reflexão positiva. De acordo com Vernant (2000, p. 103), o declínio do mito data do dia em que os primeiros 'Sábios' puseram em discussão a ordem humana, procurando defini-la em si mesma, traduzindo-a em fórmulas acessíveis à sua inteligência, aplicando-lhe a norma do número e da medida. A filosofia está enraizada nesse pensamento político quando nasce em Mileto, os filósofos já não se interrogam mais, como faziam os milésios², sobre o que é a ordem, como se formou, como se mantém, mas sim, qual é a natureza do Ser e do Saber e quais são suas relações. O autor chama atenção ressaltando que "*O aparecimento da polis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo*", seu advento pode ser situado entre os séculos VIII e VII a.C., marcando um começo, uma verdadeira invenção da vida social e as relações entre homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. Assim, a *polis*, toma nova configuração, as construções urbanas não são mais agrupadas como antes, em torno de um palácio real, cercado de fortificações, a cidade está agora centralizada na 'Ágora', espaço comum, sede da *Hestia Koiné*, espaço público em que são debatidos os problemas de interesse geral (p. 40 - 41).

Dessa forma, os gregos, diz Vernant (2000, p. 104) acrescentam uma nova dimensão à história do pensamento humano. Para resolver as dificuldades teóricas, as 'aporias', que o próprio progresso dos seus processos fazia surgir, a filosofia teve de forjar para si uma linguagem, elaborar seus conceitos, edificar uma lógica, construir sua própria racionalidade. Mas nessa tarefa não se aproximou muito da realidade física, pouco tomou da observação dos fenômenos naturais, não fez experiência, a

2 Aqueles que são originários da cidade de Mileto, colônia grega da Ásia menor. Hoje é uma cidade turca.



própria noção de experimentação foi-lhe sempre estranha. A razão grega é a que de maneira positiva, refletida, metódica, permite agir sobre os homens, não transformar a natureza. Dentro de seus limites como em suas inovações, é filha da cidade.

1. O FENÔMENO RELIGIOSO NA GRÉCIA ANTIGA

A tradição religiosa grega arcaica e clássica apresenta-se entre os séculos VIII e IV a.C., não é uniforme nem estritamente determinada, não tem nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado, a religião grega não conhece livro sagrado, no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto. Vernant (2006, p. 14) questiona como se exprimem as convicções íntimas dos gregos em matéria religiosa? O autor responde que como não se situam num plano doutrinal, suas certezas não acarretam para o devoto a obrigação, sob pena de impiedade, de aderir integral e literalmente a um corpo de verdades definidas, para quem cumpre os ritos, basta dar crédito a um vasto repertório de narrativas conhecidas desde a infância, em versões suficientemente diversas e em variantes numerosas o bastante para deixar, a cada um, uma ampla margem de interpretação, assimiladas desde o berço. Da tradição oral exercida no boca a boca, essas narrativas esse *mýthoi*, passa em seguida pela voz dos poetas ao mundo dos humanos, não mais em particular, mas em público, durante os banquetes, as festas oficiais, os grandes concursos e jogos (VENANT, 2006, p. 15).

Nesse sentido, o panteão grego, como todo panteão, supõe deuses múltiplos, cada um com sua função própria, seu domínio reservado, seu modo particular de ação, seu tipo específico de poder. Vernant (2006, p. 4 - 5) configura que os deuses estão no mundo e dele fazem parte, a geração daqueles aos quais os gregos prestam um culto, os olímpianos, veio à luz ao mesmo tempo em que o universo, diferenciando-se e ordenando-se, assumindo sua forma definitiva de cosmos organizado. Esse processo de 'gênese' operou-se a partir de 'potências primordiais', como o 'Vazio' (*Cháos*) e a Terra (*Gaía*), das quais saiu, ao mesmo tempo e pelo mesmo movimento, como também, o mundo, tal como os humanos que o habitam uma parte dele, possam contemplar os deuses, os quais presidem invisíveis em sua morada celeste. Não que



se tratem sempre de deuses propriamente ditos, mas todos, no registro que lhes é próprio, manifestam o divino do mesmo modo que a imagem cultual, tornando presente à divindade em seu templo, legitimamente, como objeto da devoção dos fies.

Entretanto, Vernant (2006, p. 6) lembra que não se trata de uma religião da natureza e que os gregos sejam personificações de forças ou de fenômenos naturais, pois, ao exemplo do raio, da tempestade ou dos altos cumes, tais manifestações, não são Zeus, mas de Zeus. Um Zeus muito além deles, que se manifesta no conjunto do universo por tudo que traz a marca de uma eminente superioridade, de uma supremacia, Zeus não é força natural, ele é rei, detentor e senhor da soberania em todos os aspectos que ela pode revestir.

Para orienta-se em sua prática cultual, Vernant (2006, p. 53 - 55) expõe que o fiel deve levar em conta a ordem hierárquica que preside à sociedade do além. No topo, os *theoí*, os deuses, grandes e pequenos, que forma a raça dos Bem-Aventurados Imortais. Agrupados sob a autoridade de Zeus, eles são os olímpianos, portanto divindades celestes, em princípio, embora alguns deles como Psêidon e Deméter comportem aspectos ctonianos³. Existe o deus do mundo subterrâneo, Hades, mas ele é precisamente o único a não ter nem templo, nem culto.

Os deuses são tornado presentes no mundo dos homens em espaços que lhes pertencem: primeiro, os templos onde residem, mas também, os locais e objetos que lhes são consagrados e que, especificados como *hierá*, sagrados, podem ser alvo de interdições: bosque, fonte, cimo de um monte, terreno delimitado por uma cerca ou por um marco, encruzilhada, árvore, pedra, obelisco. Mas é o altar exterior, o *bomós*, bloco de alvenaria quadrangular, que preenche essa função, em torno dele e sobre ele cumpre-se o rito central da tradição religiosa grega, a saber o sacrifício, a *thysia*. Trata-se de um sacrifício de um animal doméstico, enfeitado, coroadado, ornado de fitas tal como os fies, que é levado, ao som de flautas, em cortejo até o altar, aspergido em água lustral e com um punhado de grãos de cevada, que também, são lançados ao solo. Sacrificam o animal e o seu sangue é colocado num recipiente, extraem-se suas vísceras, especialmente o fígado, que são examinadas para que se saiba se os deuses aprovaram o sacrifício. Os ossos são descarnados e colocados no altar,

³ Em mitologia, é um termo que define os deuses que residem nas cavidades da Terra.



juntamente com as vísceras, parte dos deuses, para ser consumido pelas chamas e as outras partes como as carnes, consumidas ali mesmo ou levadas para casa pelos participantes. Partes importantes como a língua e o couro são do sacerdote que presidiu a cerimônia. Muitas vezes as oferendas são de vegetais, frutos, ramos, sementes, mingaus, bolos, aspergidos com água, leite, mel ou azeite, excluindo-se o sangue e mesmo o vinho.

2. O PENSAMENTO MÍTICO CÓSMICO

No mundo grego, o pensamento mítico desenvolveu-se em duas etapas: primeiro como ‘divinização das forças da natureza’ e, num segundo momento, como ‘antropomorfização⁴ dos deuses’. Conforme Staccone (1989, p. 13 - 14), as duas tradições, contudo, caminham juntas ao longo dos séculos, misturando-se e emprestando-se elementos que concorrem a formar conjuntos heterogêneos. Por exemplo, as divindades homéricas são totalmente antropomórficas e vivem na ‘polis’ do monte Olimpo, mas Homero aceita o mito pré-helênico do “oceano gerador dos deuses”. Na Teogonia⁵ de Hesíodo, também procura-se a resposta ao problema das origens, mas apesar de escrever depois de Homero, a resposta de Hesíodo está ligada à mais antiga concepção das divindades cósmicas. Assim, continua o autor, para Hesíodo, tudo nasce do ‘Caos’; primeiro a Terra e o Tártaro tenebroso, depois o Céu, a Noite, o Dia, os Montes para a moradia dos deuses, etc., Mas esses elementos vivem em conflito, até que Zeus, símbolo das forças da ordem, impõe a sua lei sobre os seres divinos, e sobre os mortais, realizando o ‘cosmos’, isso é, o mundo ordenado.

Staccone (1989, p. 14) questiona como se deu o desenvolvimento do pensamento mítico da sobrenaturalização das forças cósmicas à concepção da ‘cidade divina sob a soberania de Zeus? Neste enfoque o autor esclarece que a principal mudança está ligada à civilização micênica⁶, que floresceu no Peloponeso

4 É a atribuição da forma humana a qualquer constituinte da realidade.

5 Também conhecida por Genealogia dos Deuses, é um poema mitológico em 1022 versos hexâmetros escrito por Hesíodo no séc. VIII a.C., no qual o narrador é o próprio poeta.

6 É considerada uma das sociedades mais sofisticadas da cultura grega pela grande disseminação artística e pela avançada organização política que via as mulheres com igualdade. Ela sobreviveu



nos séculos XVI ao XII a. C. A vida social dos micênios centralizava-se ao redor do palácio do rei, cujo papel era, ao mesmo tempo político-administrativo, religioso e militar. O rei concentrava todos os poderes: uma realeza religioso-burocrática que, apoiada em uma numerosa classe sacerdotal, controlava o conjunto da vida econômica e social do Estado. A organização hierarquizada da 'cidade régia' e do culto religioso micênico influenciaram a concepção das cosmogonias tradicionais autóctones provocando uma geral reelaboração dos antigos mitos, reestruturados paulatinamente, caracterizado por três elementos:

a) a concepção do 'cosmos' como um conjunto de forças hierarquicamente ordenadas sob a soberania do rei;

b) o reconhecimento de que a 'ordem cósmica' é o resultado da ação vencedora de um agente que, saindo vitorioso do conflito, impõe limites que equilibram as diferentes forças divinas;

c) a crença de que o 'cosmos' é uma ordem ameaçada pela rebeldia de um ou outro 'elemento' e que o 'caos' desafiador nunca é definitivamente domado.

A destruição da 'civilização micênica', segundo Staccone (1989, p. 15), no século XII a. C., foi seguida de um longo período de fusões étnicas e culturais, assim, dos séculos obscuros da 'idade média grega', séculos XII – VII a. C., emerge uma nova organização social, a polis, que será a forma original de organização política das populações gregas ao longo de três séculos. Desses séculos de silêncio nasce também uma nova e mais elevada forma de racionalidade: a Filosofia. Staccone, também, ressalta que o 'homem da polis', repropõe com nova sensibilidade e radicalidade, a indagação acerca do 'princípio de tudo' (*arque panton*), apontando logo para as soluções que negam a validade das respostas míticas pelos antigos. Nesse cenário, ao *mitos* contrapõe-se o *logos*, e entende-se que a passagem do mito à Filosofia comporta um 'novo conhecimento' e uma 'nova metodologia', que põem,

entre os anos de 1600 a.C. e 1050 a.C., com a invasão dos aqueus na Grécia e se desenvolveu na ilha de Creta, ao sul do Mar Egeu, após dominarem os pelágios. Entretanto, ao contrário das civilizações gregas mais antigas que adoravam uma deusa-mãe, os micênicos passaram a louvar Poseidon, que eles acreditavam ser o governador máximo da Terra. Acredita-se que nesta civilização se dá início às primeiras lendas da Mitologia Grega, pois ao fim deste período o deus principal passou a ser Zeus.



necessariamente, sob juízo o saber do passado, inclusive as míticas verdades sobre os deuses. Por isso, com o início da Filosofia, surge também o problema de Deus.

3. A ESSÊNCIA DO PRINCÍPIO DE TODAS AS COISAS – DO MITO AO LOGOS

A religião precedeu o aparecimento da filosofia e tornou possível sua busca da sabedoria, de racionalidade e de felicidade, nesse prisma, Grondin (2012, p. 25-26) destaca que antes de chegar aos gregos, importa determinar as dimensões da essência da religião e de sua universalidade, porque a questão filosófica fundamental de uma filosofia da religião é aquela que procura compreender sua essência.

Anterior aos filósofos pré-socráticos, o mito tenta ordenar e estruturar a realidade, superando o caos. Segundo Croatto (2001, p. 215) o cosmo presente é uma manifestação de forças que provêm de uma totalidade ôntica primordial, e o mito é rico em detalhes ao mostrar a luta titânica, que implica sair do caos. Isso é uma forma simbólica de indicar sua inviolabilidade e atração. Por isso, todo mito remete às origens. Fazendo assim, encaminha, de alguma maneira, àquele *primordium* que é a fonte de todo 'ser'.

Croatto (2001, p. 218 - 219) referenda que em qualquer sociedade há instituições, leis, costumes e figuras que têm especial significação. Em toda cultura humana há lugares, instrumentos, técnicas e elementos da natureza (árvore, rios, sementes, animais, etc.) que têm que ver com a vida da comunidade. Há festas e ritos que dão o compasso à vida ordinária, com uma referência ao sagrado. Tudo que é significativo para um povo, precisa ser originado pelos deuses. O mito é, pois, o relato dessa origem divina das coisas e das instituições. Esse é o modo como o mito expressa a experiência religiosa do originário, como manifesta a sacralidade hierofanizada naquilo que lhe concerne profundamente em sua realidade.

O mito não relata a evolução do instaurado ao longo do tempo, assim, o mito pertence a um tempo e um espaço diferentes, que não correspondem a historiografia determinar. O que o mito narra, de acordo com Croatto (2001, p. 301) é um 'transcontecimento' que tem a função de ser o modelo exemplar de acontecimentos



históricos. “Portanto, podemos afirmar que o mito está relacionado com a história, e que todo fato histórico, para ser entendido religiosamente, tem de ser apresentado em alguma forma de linguagem simbólica ou mítica”, como destaca Croatto (2001, p.303).

Entretanto, segue o autor (p. 309), uma maneira de se esvaziar a intenção do mito é a busca de sua própria explicação racional. O *logos* compreende um discurso da razão que recorta a realidade, define-a, determina suas características, mas pede, ao mesmo tempo, a orientação simbólica ao transcendente e mítica ao originário, como ‘sentido’ da realidade.

Assim, o longo processo de passagem do *mítos* ao *logos* pela da racionalidade filosófica e pela ‘crítica aos deuses’ é através de um ‘novo conhecimento’ que indaga não só sobre ‘a origem das coisas’, mas também acerca do ‘que as coisas são’.

4. FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS

A grande aventura intelectual dos gregos não começou propriamente na Grécia continental, mas nas colônias da Jônia e da Magna Grécia, onde florescia o comércio. Os primeiros filósofos viveram por volta dos séculos VII e VI a.C., classificados como pré-socráticos, quando a divisão da filosofia grega centralizou-se na figura de Sócrates (BARBOSA, 2013)

Responder com velhas mitologias que “a Água e a Terra são divindades geradoras dos viventes”, já não tinha sentido. Assim, Staccone (1989, p. 16) fala que os filósofos jônios⁷, Tales, Anaximandro, Anaxímenes, procuram a ‘substância primeira’ (*arque panton*), de que todos os seres são constituídos, o Universo que supera e engloba o particular e a multiplicidade. A *água* é a substância universal das coisas, diz Tales; é o *ar*, sustenta Anaxímenes; é o *apeíron* (o indeterminado), afirma Anaximandro. Os três filósofos de Mileto concordam no essencial: a substância universal é algo físico. Mas dessas afirmações, que transcendem o aspecto físico da

7 Formavam um povo indo-europeu que se estabeleceu na Ática e no Peloponeso, foi a primeira das quatro etnias na Hélade que seriam responsáveis pela formação do povo grego.



investigação para tornar-se, propriamente metafísica, nasce o problema de Deus: qual é o lugar da divindade nessa nova compreensão do mundo?

Staccone (1989, p. 23) diz que a filosofia grega movia-se entre duas afirmações contraditórias, uma de Parmênides: “*O que é, É; o que não é, não É*”, ou seja o Ser é imóvel e imitável, a outra de Heráclito de Éfeso: “*O Ser não é mais que o não-ser*”, ou: “*No mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos*”; isto é: o Ser está em contínua mudança.

Assim, Barbosa (2013) destaca o conjunto dos primeiros pensadores que centraram a atenção na natureza e elaboraram diversas concepções de cosmologia (procurar a racionalidade constitutiva do universo), para explicar, diante da mudança (do devir) a estabilidade, o Uno. Ao perguntarem como seria possível emergir o cosmo do caos (da confusão inicial surge o mundo ordenado), os pré-socráticos buscam o princípio (em grego, *arkhé*) de todas as coisas, entendido não como aquilo que antecede no tempo, mas como fundamento do ser. Buscar a *arkhé* é explicar qual o elemento constitutivo de todas as coisas.

As respostas à questão do fundamento das coisas, da unidade que pode explicar a multiplicidade são:

Tales de Mileto (640 - 548 a.C.): astrônomo, matemático e primeiro filósofo, a *arkhé* é a ‘água’, afirmava que o mundo teria evoluído da água por processos naturais. Possivelmente, ao visitar o Egito, Tales observou que os campos ficavam fecundos após serem inundados pelo Nilo. Tales, então, viu que o calor necessita de água, que o morto resseca, que a natureza é úmida, que os germens são úmidos, que os alimentos contêm seiva, e concluiu que o princípio de tudo era a água. É preciso observar que Tales não considerava a *arché* água como nosso pensamento de água líquida, e sim, na água em todos os seus estados físicos. Tudo, então, seria a alteração dos diferentes graus desta. Aristóteles atribuiu a Tales a ideia de uma causa material como origem de todo o universo: “... a água é o princípio de todas as coisas...”.

Anaximandro (610 - 547 a.C.): o fundamento dos seres é uma matéria indeterminada e ilimitada ‘*Àpeiron*’, que daria origem a todos os seres materiais. *Àpeiron*, termo grego que indica o ilimitado, o infinito, uma realidade originária e



indiferenciada, sem limites e sem fronteiras, “*de onde provêm todos os céus e os mundos neles contidos*”. Aparentemente, Anaximandro considera que cada parte do universo é resultado de uma oposição entre forças antagônicas (a terra, a água, o ar, o fogo), ou seja, todos os elementos naturais são efeitos (em uma situação de momentâneo equilíbrio) de pares opostos: o quente opõe-se ao frio, o seco opõe-se ao úmido. Mas também o cosmo, em seu conjunto, deve ser produto de um antagonismo fundamental; e como o universo se mostra definido, limitado, determinado em cada um dos seus componentes, deve-se pensar que ele se tenha originado e seja sustentado por um princípio diametralmente contrário: o *Ápeíron*.

Anaxímenes (588 - 524 a.C.): coloca que o ‘ar’, pela rarefação e condensação, faz nascer e transformar todas as coisas. O ar, melhor que qualquer outra coisa, se presta a variações e também pelo fato de que é imprescindível para os seres vivos. A alma é ar, o fogo é ar rarefeito; quando acontece uma condensação, o ar se transforma em água, se condensa ainda mais e se transforma em terra, e por fim em pedra. Destacou-se por ser o primeiro a fornecer a causa dinâmica que faz todas as coisas derivarem do ‘princípio uno’ (condensação e rarefação). “... *do ar dizia que nascem todas as coisas existentes, as que foram e as que serão, os deuses e as coisas divinas...*”.

Parmênides de Eleia (c. 544 - 450 a.C.): o Ser real é imóvel, imutável e o movimento é uma ilusão. Ele afirma que o ser é; e de maneira muito simples, justifica essa afirmação. Ele diz que “*tudo aquilo que alguém pensa e diz é. Não se pode pensar senão naquilo que é. Pensar o nada significa não pensar absolutamente, e dizer o nada significa não dizer nada. Portanto, o nada é impensável e indizível*”. Parmênides também atribui ao Ser algumas características: ele é eterno, imutável, uno incorruptível, incorruptível e indivisível. Afirma que o Ser não pode ser gerado, nem corrompido, pois se ele for gerado, existirá dois seres, o que é impossível, pois ele diz que o ser é, logo não pode ser criado. Também afirma que o ser não poder se corruptível, caso o seja, significa que ele é finito, ou seja, logo morrerá. Com isso, o ser terá que nascer, contradizendo assim a afirmação anterior. Parmênides tem como princípio de sua filosofia a ontologia, que é o estudo do ser enquanto ser. A partir do momento que ele deixa de estudar a *phýsis*, enquanto uma causa de origem, e passa



a estudar o ser enquanto ser, rompe com os demais pré-socráticos e passa da cosmologia para a ontologia.

Pitágoras (571/70 – 497/97 a.C.): filósofo e matemático, o ‘número’ é a essência de tudo, todo o cosmo é harmonia, porque é ordenado pelos números. Esse é entendido tanto no sentido quantitativo, isso é, matemático, como no sentido qualitativo, ou seja, metafísico. Nos números são distintos os pares (ilimitado) e o ímpar (limitado). Eles são entre si opostos e esta oposição se encontra em toda a natureza, explicando assim os seus contrastes. Os números, desta forma, são a razão do dever e da harmonia. Por este motivo, nas coisas há um princípio de ordem e harmonia.

Heráclito de Éfeso (540 - 476 a.C.): tudo flui e tudo que é fixo é ilusão. O princípio universal de Heráclito é: tudo se move e que nada permanece estático, exceto o próprio movimento. A designação mais exata que podemos usar é o devir. Ele exemplifica dizendo que, “*não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, porque ao entrarmos pela segunda vez, não serão as mesmas águas que lá estarão, e a própria pessoa já será diferente*”. Mas a doutrina de Heráclito vai além. O devir, a mudança que acontece em todas as coisas, é sempre uma alternância entre os contrários: coisas quentes esfriam e coisas frias esquentam, etc. A realidade acontece então, não em uma das alternativas, que são apenas partes da realidade, e sim mudanças, ou como ele chama, guerra dos opostos. Tal guerra é que permite a harmonia e mesmo a paz, já que assim os contrários passam a existir: a doença faz da saúde algo agradável e bom, ou seja, se não existisse a doença não teria porque valorizar a saúde.

Anaxágoras (499-428 a.C.): foi mestre de Péricles. Sustentava que as “sementes” de todas as coisas foram ordenadas por um princípio inteligente, uma ‘Inteligência Cósmica’ (*nous*). Cada coisa surge quando vários elementos se agregam, e desaparecem quando esses se separam. Ele pensava que as coisas ou seres eram compostos com qualidades semelhantes que, ao serem divididas ao infinito, se repetiam em cada porção. A esses elementos-qualidades, que associadas geram o Ser, Anaxágoras de Clazômenas chamou de *Noûs* (espírito, pensamento, inteligência). É ele que fornece as leis do pensamento que se sobrepõe aos sentidos



para conhecer e governar o universo. É preciso entender que o pensamento está nas coisas, e não como algo separado delas. Tudo tem causa e essa é sempre natural, física, ainda que o espírito aqui seja concebido materialmente.

Empédocles (483-430 a.C.): os quatro elementos terra, ar, água e fogo constituem tudo. Tais elementos tinham a característica de subsistir diante da geração, da alteração e da destruição. Para Empédocles, todas as coisas que existem, apresentam, em alguma proporção, os quatro elementos. A diversidade de coisas existentes decorre da diversidade de proporções de elementos, conforme uma mistura e troca. Empédocles defende “*que todas as coisas sujeitam-se ao devir, ao movimento*”.

Leucipo (séc. V a.C.) e Demócrito (c. 460-c. 370 a.c.): são atomistas, por considerarem o elemento primordial constituído por átomos, partículas indivisíveis. Como para eles também a alma era formada por átomos, estamos diante de uma concepção materialista e determinista. O átomo (do grego *a-tomos*, o não divisível, não mais cortável) é, para esses filósofos, o elemento primordial da Natureza. São indivisíveis, maciços, indestrutíveis, eternos e invisíveis, podendo ser concebidos somente pelo pensamento, nunca percebidos pelos sentidos. A *phýsis* (natureza) é composta por um número ilimitado de átomos. Os átomos podem existir de formas variadas e habitam uma outra forma de infinitude: o ‘vazio’. Nesse, os átomos se agregam, se desagregam, se deslocam, formando os seres que percebemos pelos sentidos (movimento). Significa dizer que segundo a teoria atomística, só existem átomos e vazio. Significa também, que nossos sentidos percebem uma realidade transitória, mutável, mas ilusória, porque mesmo que apreendamos as mutações das coisas, no fundo, os elementos primordiais que constituem essa realidade jamais se alteram. Assim, as mudanças, as mutações, as transformações são explicadas pela agregação ou desagregação de elementos primordiais que somente conseguimos conhecer pelo pensamento.

Assim, para o conhecimento mítico ‘tudo é deus e tudo que se move depende da atividade de forças divinas’, enquanto o conhecimento filosófico ‘afirma que o mundo move-se por forças próprias’. Segundo Staccone (1989, p. 16 – 17) um contemporâneo dos filósofos jônios, Xenófanes, natural de Colofônio, que afirma que



a 'substância universal' não pode ser de natureza sensível, como sustentavam os jônios, o princípio de tudo deveria ser uma unidade simples, "o *Uno*: o *todo é um, estes é Deus*", e ataca vigorosamente as concepções míticas da divindade espalhadas pelos antigos poetas gregos. Contudo, os intérpretes de Xenófanes não se atrevem a fazer dele o teólogo de um 'Deus Único' e transcendente, pelo contrário, suas afirmações devem ser reduzidas à concepção filosófica dos jônios, que expressavam a exigência racional de um único *arqué panton*, que fosse origem de tudo, apenas pensamento e princípio metafísico, explicativo da multiplicidade das coisas. Sua grandeza consiste em ter reconhecido na *Nûs* (mente universal) o princípio metafísico de todos os seres finitos. No princípio, todas as coisas existiam juntas, compactas e indiferenciadas, exceto o espírito (*Nûs*) que: "*É ilimitado, autônomo e não está misturado com nenhuma coisa, mas só ele por si mesmo é*".

De acordo com Staccone (1989, p. 18) a Filosofia afirma sempre mais marcante, o seu rompimento com a mitologia e a religião grega, todavia, sem propor-se, ainda, explicitamente, o problema de Deus: de sua *existência* e de sua *essência*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século V a. C., marcou o período áureo da democracia grega, como elaboração teórica e prática cotidiana. A condução democrática da polis provocou o surgimento de novas formas de vida social e cultural. Os cidadãos tinham voz, convocados em assembleias em praça pública exerciam o exercício da palavra e da argumentação e, por sua vez, o desenvolvimento da compreensão racional e crítica da realidade, tanto política, como ético-filosófica. Entretanto, na área dos conhecimentos religiosos e filosóficos continuavam em círculos restritos de 'iniciados', Em um contraste a massa (o povo), que repetia os antigos mitos que se reformulavam constantemente, os filósofos se posicionando a uma nova compreensão do mundo, à margem das crenças populares.

Nesse contexto, Staccone (1989, p. 18) enfatiza que o saber religioso e o saber filosófico se polarizam e se excluem, então a cultura aparece em seu valor prático e a



Filosofia volta-se para os problemas do homem, sociais e políticos, nascendo, assim, uma nova forma de educação: racionalista e democrática, voltada para a formação civil do cidadão participante da vida política, valorizando o uso da palavra e da habilidade dialética. Com o avanço do processo de racionalização da vida, a antiga religião mitológica entra em crise de rejeição, com os novos 'intelectuais' ridicularizando as crenças populares.

Corroborando com Staccone (1989, p. 19) pode - se afirmar que a postura dos primeiros filósofos do mundo ocidental, frente à religião é de perplexidade, pois não conseguiram conciliar a nova concepção filosófica do mundo com a religião tradicional, nem, a partir da nova compreensão do mundo, elaborar uma visão crítica da religião mítica.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Elaine. **Os primeiros filósofos e a busca do princípio de todas as coisas!** 2013. Disponível em: <http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/08/os-primeiros-filosofos-e-busca-do.html>. Acesso em 27/maio/2015.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. 567 p.
- _____. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. v. I. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 539 p.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. 526 p.
- GRONDIN, Jean. **Que saber sobre Filosofia da Religião**. Aparecida/São Paulo: Ideias& Letras, 2012. 127 p.
- MENEZES, Josias Moura de. **Curso de introdução a Filosofia da Religião**. Partes I e II, s/d. Disponível em www.josiasmoura.wordpress.com. Acesso em 25/maio/2015.
- STACCONI, Giuseppe. **Filosofia da Religião**: o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis/RJ, 1989. 263 p.
- TUNHAS, Paulo e ABRANCHES, Alexandra. **As questões que se repetem**: uma breve história da filosofia. Alfragide/Portugal: Dom Quixote, 2012. 359 p.



VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 11ª ed. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a. 106 p.

_____, **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006b. 93 p.

